

COMPROMISSO E TRANSFORMAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO SOCIAL NA PRODUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS LIMA NETO

OLIVEIRA, Aline Valois Rios Rodrigues de
alinevalois@hotmail.com

SANTOS, Leila Maria dos
leilinhamarca@yahoo.com.br

SANTOS, Sanadia Gama dos
(sanadiasantos@yahoo.com.br)

SOUZA, Josefa Eliana. (Orientadora)

Doutora em Educação, membro do corpo docente da Universidade Tiradentes. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Tavares Bastos, instrução pública brasileira, modelo educacional norte-americano, Horace Mann, Aléxis de Tocqueville, Helvécio de Andrade e João Moreira Lima.
elianasergipe@uol.com.br

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo investigar a trajetória de Manoel de Barros Lima Neto e as contribuições que o seu engajamento no movimento social trouxe para a produção das poesias que tratam da realidade do homem e da mulher do campo, a partir das suas experiências cotidianas. A pesquisa foi realizada por meio de leitura bibliográfica, observações diretas, e a partir de entrevistas realizadas com cinco pessoas, entre as quais: Manoel de Barros, amigos e familiares. O referencial teórico-metodológico utilizado foi pautado na concepção de oralidade de Havelock (1995) e Marcuschi (2001) e no entendimento de “intelectual orgânico” apresentado por Gramsci (1981). Nesta perspectiva, o modo como o entendimento dos problemas vividos por “Manoel de Maninho” contribuiu para que ele se constituísse como um representante social da sua comunidade e fosse constituído com atitudes de afirmação a partir dos dilemas que enfrentou.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel de Barros, Porto da Folha, poesia, problemas sociais, terra.

ABSTRACT:

The study aims to investigate the course of Manoel de Barros Lima Neto his contribution and engagement in the social movement brought for the production of poetries that deal with the reality of the man and the woman of the country, and their daily experiences. The present research it was carried by means bibliographical and documental analyses, direct comments, questionnaires and it also included an interview with familiar Manoel de Barros, and his friends. The theoretician-methodological referential used it was based on the conception of orality defended by Havelock (1995), (Marcuschi (2001), and the concept of “organic intellectual” presented for Gramsci (1981). In this perspective, it was analyzed the way as the understanding of the problems lived for “Manoel de Maninho” contributed and it turned as a social representative community and was constituted with attitudes of affirmation from dilemmas faced.

KEY WORDS: Manoel de Barros, Porto da Folha, poetry, social problems, community.

INTRODUÇÃO

Manoel de Barros Lima Neto ou “Manoel de Maninho”¹ como é mais conhecido pelas pessoas do povoado em que vive, é filho de Francisco Manoel de Barros “Sr. Maninho” e Maria Alves de Barros “D. Maroquinha”, ambos agricultores. “Manoel de Maninho” nasceu em 4 de maio de 1951, na cidade de Porto da Folha, no Estado de Sergipe. O município de Porto da Folha está situado no sertão sergipano a cerca de 152 km da capital Aracaju. É uma cidade marcada pela colonização holandesa do século XVII e pelas lutas e resistência do índio Xocó, na Ilha de São Pedro assim como a cultura dos negros do povoado Mocambo. Este se tornou área quilombola por causa da conquista e da regularização das terras. Antigamente, a região se chamava “Curral do Buraco” – nome originado da primeira fazenda existente na região.

É nesse contexto que Manoel de Maninho está inserido e a sua poesia é fruto desse meio, pois como o poeta é uma liderança social, o mesmo produz as poesias de forma contextualizada, com traços de justiça e com caráter transformador e reivindicatório, e nelas são perceptíveis as insatisfações que rodeiam a vida dos que vivem na comunidade. Neste sentido, concordamos com Paulo Freire (1996), quando nos ensina que “a leitura de mundo

¹ Doravante será denominado de “Manoel de Maninho” como é conhecido na comunidade em que reside.

revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (1996, p. 139).

Manoel de Maninho é agricultor, vive da plantação de milho e feijão. Atualmente reside no povoado Pitombeira, município de Porto da Folha/SE. É casado com Maria do Carmo, e é pai de cinco filhos: Wellington Aragão Lima, (22 anos), Welison, (20), Wedina (18), Wenisson (16) e Weverson (11). Todos são, atualmente, estudantes. Os filhos homens ajudam o pai na roça, com o qual compactuam uma vida de luta e resistência, sem perder a alegria resultante da paz e união que marca aquela relação familiar.

Aos dezoito anos, Manoel de Maninho iniciou o seu engajamento em diversos grupos, oriundos do movimento social popular, a exemplo do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Movimento na qual participa como membro militante². Mneol também é vinculado a Federação das Associações Comunitárias dos Produtores Rurais de Porto da Folha – FEACOM na qual é membro fiscal. A mesma é composta por agricultores e foi fundada em 2 de setembro de 2005. É representada por presidentes das diversas associações e tem como objetivo contribuir para a união e a articulação das associações comunitárias de produtores rurais do município de Porto da Folha. Manoel também é membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Além disso, representa a Articulação do Semi-Árido - ASA na FEACOM. A Articulação do Semi-Árido é um fórum de organizações da sociedade civil, que vem lutando pelo desenvolvimento social, econômico, político e cultural do semi-árido brasileiro, desde 1999.

A vida escolar formal de Manoel de Maninho foi curta. Ele iniciou seu estudo orientado por uma professora local que era paga pelos pais para dar ensinamentos aos filhos. Em seguida, ele foi para o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL onde estudou até a 1ª série do Ensino Fundamental.

O MOBRAL foi o espaço em que Manoel aprendeu a assinar o nome e a resolver questões simples de matemática, as quais foram desenvolvendo com o passar do tempo motivado pela curiosidade na relação com a roça e pela necessidade de fazer contas corretamente e não ser lesado pelo outro.

² Segundo Leite (1996), “Sempre existiu e existirá o engajamento voluntário em uma causa ou luta, visando mudar as relações de poder. Essa atividade recebe o nome de política e vem sendo debatida desde os gregos”. Porém o que discutimos aqui é a atividade política/social voltada para realizar transformações, partindo do compromisso com os que lutam pela aquisição, uso e manutenção da terra nas mãos daquele que cultiva, combatendo a injustiça e a violência propiciada pela sociedade em que vive.

Desde a infância de Manoel, seu pai, “Seu” Maninho, já contava histórias. Naquela época não havia energia elétrica e no final da tarde, Sr. Francisco de Barros era cercado pelas crianças e contava histórias de vários tipos.

Ele era um dos mais apegados com as crianças em casa, né, gostava de contar, a noite, armava uma rede e começava a cantar as músicas pra nós... “Meu pai ele, gostava muito de contar essas historias, né? é, muito mesmo... Ele gostava de muitas historias e papai Nossa Senhora! todas as histórias acho que do mundo ele sabia. As vezes eu tenho ainda lembranças e ainda conto as meninas ,hoje em dia, tem televisão ninguém quer saber de historia,porque antigamente era a coisa mais linda,chegasse uma hora dessa todo mundo já jantava que era pra sentar papai sentava e todo mundo “arrudiava” pra contar historia,não sabia tocar um violão,não sabia cantar e ia contar história. (Elza Lima 48 anos. Agricultora e irmã de Manoel de Maninho).

Essa relação que o seu pai tinha com os filhos despertou em Manoel de Maninho a arte de criar e recriar histórias. Assim, a partir do seu engajamento na comunidade, o mesmo desenvolveu o dom latente e presente desde a sua infância. Essa habilidade se evidenciou nos espaços em que ele estava inserido e a partir de composições de canções e mais tarde de poesias. Essa descoberta ocorreu na sua juventude, inspirado também nas músicas dos cantores Léo Canhoto e Robertinho³ os quais retratavam elementos baseados no cotidiano do sertão, mais precisamente na realidade do agricultor. A exemplo das músicas “O presidente e o lavrador” e “Soldado sem farda”.

Segundo Manoel de Maninho, a música intitulada “O Presidente e o lavrador” foi muito importante na construção de sua trajetória como poeta que buscou retratar as dificuldades e sonhos de uma comunidade, como é possível observar:

Excelentissimo senhor presidente
Aqui estou na vossa frente
Com muita admiração
É um brasileiro que vos fala nessa hora
Por favor me ouça agora
Oh nobre chefe da nação
Vossa excelência precisa ir no interior
Pegar na mão do lavrador
E ver seu rosto queimado
Aqueles calos que ele tem eu lhe asseguro

³ A dupla sertaneja brasileira **Léo Canhoto e Robertinho** foi criada em 1968 na cidade de Goiânia. http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9o_Canhoto_e_Robertinho

É de um trabalho duro
Muito honesto e muito honrado

Esse meu povo é igualzinho uma formiga
Trabalha muito e não liga
Sempre foi batalhador
Por isso digo e repito novamente
Ajude senhor presidente
O meu querido lavrador
Bato no peito, grito alto, falo sempre
Sou filho de boa gente
Eu sou filho de um roceiro

(Léo Canhoto e Robertinho www.musicas.mus.br. 1969)

Ou como é possível observar, nos versos abaixo:

SOLDADO SEM FARDA

Cantando estes versos eu quero falar
Do soldado sem farda que é nosso irmão
Soldado sem farda é você lavrador
Que derrama o suor com suas próprias mãos
Soldado sem farda aqui vai o abraço
Das forças armadas da nossa nação
Aceite também o abraço dos artistas
do rádio, do disco e da televisão.

(Soldado sem farda. Leo Canhoto. In *Leo Canhoto e Robertinho*, 1981) www.musicas.mus.br

As composições de Léo Canhoto e Robertinho contribuíram na produção de Manoel de Barros porque têm em sua essência efeitos de transformação e de afirmação na relação com a roça com a vida do agricultor. Um dos grandes exemplos dessa relação é a poesia “Homenagem ao Agricultor”:

Eu fiz essa poesia
E vou mostrar o meu valor
Se você é da cidade, se você é do interior.
Vamos prestar uma homenagem a todo agricultor

Você pode ser um soldado, pode ser um cabo,
Pode ser um delegado um juiz ou um promotor
Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um empregado, pode ser um aposentado,
Pode ser até um padre um estudante ou um professor
Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um artista, pode ser um jornalista,
 Pode ser um radialista, pode ser um prefeito ou um vereador,
 Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um secretário, pode ser um operário,
 Pode ser um farmacêutico, enfermeiro ou um doutor,
 Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um bancário, pode ser um gerente,
 Pode ser um técnico de futebol você pode ser até o melhor jogador
 Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um bombeiro, pode ser um engenheiro,
 Pode ser advogado, pode ser um motorista ou um cobrador,
 Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Você pode ser um deputado, pode ser um empresário,
 Pode ser um presidente, um ministro ou um senador,
 Mais se os alimentos vêm é das mãos do agricultor

Olhem! Até mesmo a galinha como o milho,
 E o gado come a palma e come o capim,
 Mais foi o agricultor quem plantou

Por isso eu digo: A toda a nação
 Pois, depende do AGRICULTOR.
 (Manoel de Maninho, 1996)

A relação do presidente com o lavrador na música do Leo Canhoto e Robertinho chama a atenção para a valorização do homem e da mulher da roça e tem uma relação forte com as produções de Manoel de Maninho ao alertar as pessoas que figuras como o juiz, promotor, soldado são importantes, mas o agricultor deve ter o seu trabalho valorizado, pois os alimentos produzidos são frutos do seu trabalho, isto dá uma conotação de afirmação com o lugar de origem do poeta. Estes são poemas de cunho afirmativo e de valorização de identidade. Constatar a existência de uma poesia coerente com a realidade em que vive o poeta popular é uma das provas mais fortes da vitalidade, da tradição e da sua constante recomposição.

Neste sentido, convém destacar que o conhecimento adquirido pelo poeta vai se costurando como uma produção que resulta de variadas cabeças. Desse modo, ocorre a tessitura da teia de saberes que implica numa leitura de mundo não-linear na qual cada tema, cada idéia e cada conceito, remetem para o entrelaçamento de outros saberes que foram tecidos e recriados gerando atitudes de afirmações perante os dilemas propiciados pelo

contexto histórico-cultural. Neste sentido, entendemos que o personagem é social e historicamente perspectivado.

Assim, como afirma Freire (1996, p. 139), aprendemos bastante no dia a dia, vivendo, trabalhando, no laser, enfim fazendo coisas e interagindo com o outro. Aprendemos não somente por meio da educação formal, mas também, por meio da informalidade ou do não-formal. A educação informal e não-formal têm contribuído para a transmissão do conhecimento que ao longo do tempo as sociedades vêm acumulando.

Assim, o que torna viva a poesia de Manoel é a dimensão social que existe no universo das narrativas criadas pelo mesmo. Ela surge de forma natural e espontânea a partir de um fato vivido na comunidade ou em algumas situações cotidianas como afirma sua irmã. “Eu sei que ele faz isso tudo é em cima do que tá acontecendo como no município eu digo por que era assim que agente crianças ele fazia as histórias dele, né?” (Elza Lima 48 anos. Agricultora e irmã de Manoel)

Se a poesia de Manoel de Maninho tem cunho social, então é possível verificar que o mesmo possui um perfil de líder. Além de procurar esclarecer os fatos que acontecem ao seu redor, demonstra interesse no conhecimento de si mesmo, como afirma “Seu” Everaldo. “Primeiro, antes dele ser um poeta, ele é um grande líder comunitário” (Everaldo José de Oliveira, 41 anos. Presidente da Associação dos produtores do Povoado Linda Flor. Porto da Folha/SE).

Para Manoel de Maninho, a resistência resultante de suas ações tanto nas associações, quanto na denúncia presente em sua poesia é fruto de conquistas e de duras lutas marcadas muitas vezes pelas injustiças sociais, pela inquietação e por longas épocas de estiagem que castigam a vegetação, o gado e a lavoura e comumente o agricultor, até mesmo por fatos marcantes a exemplo, de sua última produção intitulada de “A Transposição do Rio São Francisco criada em 2007”.

Senhor Presidente eu peço clemência
Espero que o Senhor preste bem atenção
Rio São Francisco está quase morrendo
É preciso que nos dê a salvação

Eu vejo o nosso rio já quase em pulso
E o velho Chico pedindo socorro
Que primeiro faça a revitalização

Nosso Sergipe também está seco
E muita gente passando sede
Sem ter água encanada, sem ter irrigação.

É notório que na poesia acima há a sensibilidade de Manoel de Maninho ao enxergar os fatos vigentes da sociedade e a luta voltada para o bem comum da população. Suas criações têm finalidade de informar e transformar.

“Bom, mas sempre que é, é uma homenagem ao agricultor, (Sic !) eu sou da roça e eu tenho orgulho... Eu me orgulho em dizer que sou da roça porque milhares e milhares de brasileiros vivem do que nós produz. A coisa mais... a coisa mais... devia ter mais valor e nós produz o alimento, alimento é vida!” (BARROS, 2008)

Assim, é possível perceber que Manoel de Maninho pode ser considerado um representante das lutas travadas por sua comunidade. Desse modo, um intelectual, Segundo Gramsci (1981):

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *Homo faber* do *Homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1981, p. 11).

Assim, é perceptível que Manoel de Maninho é um poeta que busca retratar os problemas da comunidade e por meio das instituições sociais trazer respostas concretas que possam, alterar significativamente, aqueles dilemas. Daí porque Manoel de Maninho representa naquela comunidade, o que Gramsci (1981) chamou de “intelectual orgânico” – aquele que seria o mediador da mudança cultural, isto é, seria munido de nova forma de pensar e ver as relações de produção. Ao tempo que eles participam da produção, elaboram a idéia de classe. Na Sociologia Gramsciana, a luta da classe operária seria no sentido de mostrar que o “novo intelectual” é capaz de exercer uma função dirigente no novo bloco histórico. (GRAMSCI, p. 109-117)

Entendemos que Manoel de Maninho representa em sua comunidade o trabalhador da terra, vinculado as lutas das associações daqueles trabalhadores. Um similar do intelectual orgânico pensado por Gramsci. Neste sentido, a poesia se torna uma ferramenta de luta e reivindicação, além de ser afago para suas mágoas, demonstrando a expressão mais viva de ação e fé de um povo que produz seus versos carregados de sentimentos, dotados de uma arte que resiste ao tempo e as transformações do século.

Ele possibilita o resgate de diferentes interpretações acerca da história vivida, constituindo-se numa forma democrática do fazer histórico. Colocando o pesquisador em contato com os atores sociais e suas lembranças, esquecimentos, ressentimentos e sentimentos (Pollak, 1992; Russo, 1998; Bourdieu, 1998. apud. CRUZ, 2005, p. 2., 2005).

1. A memória e as contribuições da poesia Oral

É a partir da memória de um povo ou de determinada comunidade que permanece fixa e viva uma identidade histórica, pois a ligação ao passado faz da poesia oral a resistência em manter viva a memória literária por longas épocas, resgatando valores, firmando conceitos e preservando a memória de um povo que carrega em sua história esperança em dias melhores para as gerações futuras. Nesse sentido, concordamos com Marcuschi (2001), “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos vários contextos de uso” (2001, p. 21).

Portanto, os marcos da memória são os eventos importantes na vida de uma pessoa. Os eventos aos quais nos referimos podem ser: casamento, nascimento dos filhos, mudança de local de moradia, de trabalho, morte de uma pessoa etc, como nos orienta Havelock;

“A autonomia da oralidade se dá muitas vezes pela memória que é sempre acesa na vida das pessoas, seja por um fato que marcou a vida do lugar, por alguém que se immortalizou ou por algum acontecimento inédito que vai se tornando memória viva entre as gerações”. (HAVELOCK, 1995, p 37)

A oralidade é, portanto, dinâmica, pois ao preservar o mito ela tem de se adaptar às novas circunstâncias, como fator de transmissão cultural e de valores. A oralidade é movimento. Para (Havelock, 1995), a importância da memória está dentro de uma concepção muito mais de identidade do que mera criação. Ela se desenvolve através de uma causa que transcende o espírito do individual e passa a se manifestar na vida de uma nação como fonte afirmativa e de destaque para o desenvolvimento humano dos que se inserem no universo por ela atingida. É, sobretudo, um processo dinâmico que parte da inspiração, passa pelo imprevisto até entrar na vida das pessoas como elemento de libertação e de mudança.

A ligação ao passado faz da poesia oral a resistência em manter viva a memória literária por longas épocas, resgatando valores, firmando conceitos e preservando a memória de um povo que carrega em sua história a esperança em dias melhores. Fazer memória é reordenar pensamentos e inovar aquilo que para os olhos da sociedade contemporânea parece algo rotineiro e sem vida. Nisto faz valer as conversas entre amigos/as, com a família, no sindicato e na associação. Elementos esses que constituem e caracterizam ser a realidade no seu contexto.

A originalidade de suas narrativas traz viva temáticas de forma contextualizada à realidade da agricultura, do sertão e do sertanejo, o que leva a valorizar o local a que pertence a pessoa, seu local de origem, acentuando as características fortes do sertão e dos acontecimentos mais marcantes. Um exemplo disso está no trecho a seguir, da poesia, “A Seca” criada em 05/05/93:

Eu sendo um poeta
Eu escrevi o meu sertão
Todo em verso e poesia
Feito numa rimação
Falando da alegria
E na agonia que existe no sertão

Antigamente o sertão vivia bem chovido
Tinha milho, feijão, abóbora e melancia
Toda safra era boa
Oh! Meu Deus que alegria

Quando era de madrugada
Ou do amanhecer do dia
Cantava o cabeça vermelha o sabiá e a petica
Os pássaros faziam festa
Oh! Meu Deus que alegria

As estradas eram cheia de lama
Onde as borboletas se uniam
As fontes entravam água
Do outro lado saia
Meu sertão tinha fartura
Oh! Meu Deus que alegria

Os fazendeiros nesse tempo
Desgosto não sentia
Levantava de manhazinha
Deleitava a vacaria
E era o gado todo gordo
Oh! Meu Deus que alegria

Mais os mais velhos sempre falavam
Padre Cícero dizia
Que o tempo dos pobres sofrerem
Os fazendeiros também sofriam
Ta chegado esse tempo
Oh! Meu Deus que agonia.

De 90 pra cá
Ninguém mais tem alegria

Cada dia que se passa,
 Mais aumenta a carístia
 E quando o pobre vai pra feira
 Oh! Meu Deus que agonia.

Os pobres estão sofrendo
 Sem conforto sem alegria
 De pés descalço e sem chapéu
 Rompendo o sol do meio dia
 Trabalhando a 30 conto, e a carne de 60 conto
 Oh! Meu Deus que agonia.

Trabalhando os 5 dias pra ganhar 150 contos
 Paga 20 de transporte
 Não tem pobre que agüente
 105 é um bujão, 25 um Kg de feijão
 Oh! Meu Deus que agonia.

Foi em 1993 no dia 05 de maio
 Que eu fiz esse poema
 Esse era o preço normal
 Mas todo dia tem aumento
 Parece que é um castigo
 E os pobres assim sofrendo
 Oh! Meu Deus que agonia.

Os fazendeiros estão sofrendo
 Seja noite, ou seja, dia
 Um pinica do trouxe de palma pro gado
 Outros quebram macambira
 E ver o gado morrendo de sede e fome
 Oh! Meu Deus que agonia.

Mais vamos pedir a Deus que chova
 Em todo o estado e município
 Para acabar com essa seca que está sendo uma tirania
 Que da agonia e a tristeza transforme em ALEGRIA.

É nesse contexto que Manoel de Maninho está inserido e a sua poesia é fruto desse meio, pois como o poeta é uma liderança social, o mesmo produz as poesias de forma contextualizada, com traços de justiça e com caráter transformador e reivindicatório, dotado de insatisfações que rodeiam a vida da comunidade. Segundo alguns entrevistados:

“Quase todas as poesias dele fala da comunidade né? Ele faz em cima do nosso trabalho do nosso sofrimento né? Nessas coisas. E ele é... não não fala só da família como comunidade inteira por que essa é uma comunidade muito sofrida, né? Aqui é um, um sempre sempre esse sertão é seco e ele faz assim a poesia da vida que agente vive.” (Elza Lima, 48 anos. Agricultora e irmã de Manoel).

Estas produções surgem de forma natural e simples, a partir de uma inspiração de raízes no âmbito político, social e cultural da região e trazem a riqueza da experiência da sua gente. Assim, a sua poesia trata de fatos reais, além de ser objetiva no seu conteúdo e mantém a linguagem popular das comunidades rurais. “Quando ele fica sozinho já sabe ele “tá” aprontando uma é “tá” fazendo uma sabe, quando ele fica só, aqui acolá, ele, vai pastorar o gado ali é pensando... pra fazer” (José de Barros, agricultor irmão de Manoel).

1.2 Impactos e Contribuições da poesia

Em entrevista com Manoel de Maninho, duas realidades se comprovam no que diz respeito ao impacto social que a sua poesia causou em determinados momentos, em uma relação de causa e efeito, que são:

1- Durante a gestão política de Antônio do Pajeú -1992 as pessoas acreditavam em mudança na sua administração, até que um dia Manoel se deparou na escola de seus filhos com uma situação surpreendente: as crianças assistiam à aula sentadas no chão. A partir daí, Manoel, inconformado com a situação que se deparava, criou um poema de protesto a esta situação, vindo depois a apresentá-la na Câmara de Vereadores. O resultado obtido foi a providência tomada pelos gestores públicos e nunca mais se avistou as crianças do povoado estudarem sem carteiras escolares para suas aulas. Daí surge o poema “Caboclo lá da Roça” como diz abaixo trecho:

...Pelo que tinha prometido ele não fez foi nada
 Cheguei no meu povoado
 Só passei decepção
 Cheguei no grupo escolar estava os meninos
 Todos sentados no chão
 Não tem ao menos tamborete
 Nós merece mais respeito e melhores educação
 Pois é por isso meus amigos
 Já não sei mais o que faço
 Já cansei de ser iludido, pisado e massacrado...

(BARROS, 1995)

Segundo Manoel, o poema é criada a partir de situações reais para esclarecer a população da comunidade os descasos políticos e situações cotidianas. O “Caboclo lá da Roça” é um exemplo a partir de um fato real como segue abaixo:

“... É sobre a politicagem. Porque o meu filho mais velho, esse que foi candidato a vereador quando ele começou a estudar aqui na Linda França tinha o grupo de baixo e o de cima. Quando fizeram o grupo de cima, começaram a estudar ouvindo tudo no chão, não tinha uma cadeira. No começo a professora levava um tamboretinho para sentar pra poder ensinar. Os alunos sentava no chão (SIC) aí ele chegou aqui com muita dor no espinhaço de escrever sentado no chão” (BARROS, 2008)

2- Outro impacto aconteceu durante a administração de Dr. Júlio, em 6 de setembro de 1996, quando o chafariz do Povoado em que Manoel reside, construído em mutirão pelas famílias, foi arrancado pela gestão pública deixando a população sem água para consumo. Desde então outro poema foi criado como instrumento de reivindicação pela situação ocorrida e durante um comício em praça pública feito pelo então Prefeito, Manoel não hesitou em recitar o poema como forma de protesto ao descaso ocorrido com o povo. A partir daí foram tomadas providências para devolver água à população. Segue a seguir a poesia:

Nessas poucas palavras quero fazer um pedido
 Ao Excelentíssimo Prefeito do nosso município
 Que tenha compaixão de nós não corte o chafariz.
 O Chafariz da Pitombeira há doze anos foi colocado, se reuniu um grupo de homens,
 Abriu a valeta e encanaram
 Saiu Prefeito, entrou prefeito, só agora é que foi cortado...

No que diz respeito às seis pessoas entrevistadas percebe-se que de fato elas conhecem o poeta e disseram que seus poemas são muito ricos e têm ajudado na valorização do Agricultor. Para elas, o poeta busca divulgar seus textos em espaços amplos como a rádio de uma cidade vizinha, na qual as ondas sonoras são transmitidas. Os poemas também são divulgadas em reuniões de comunidade, nas escolas públicas, como afirma o Presidente da Associação do povoado Linda França:

“Lá fora é que a gente vê o poeta, geralmente nas nossas reuniões as pessoas pede para ele dizer as poesias, aí aparece o poeta. Manoel já foi representar Sergipe no Rio Grande do Sul e em vários estados lá fora, aí vem o poeta”. (EVERALDO, 2008. presidente da Associação do povoado Linda França).

Ao ouvirem suas produções, as pessoas sentem-se emocionadas e surpresas pela capacidade de buscar dentro de si, o desenvolvimento intelectual ainda que o mesmo tenha

dificuldades no processo de ortografização. Contudo, é capaz de fazer sua leitura de mundo e compreender os problemas que afetam a sua comunidade. Mais que isso, ele é um representante da comunidade na discussão dos problemas e dilemas enfrentados por eles.

As pessoas falam de Manoel como um homem de luta, dinamismo e de muita união com a comunidade. O mesmo tem um carisma, além de dedicar parte do seu tempo no zelo, no carinho e na responsabilidade com seus filhos e esposa.

Ele compõe histórias cotidianas em forma de metáforas como a história do “João Ninguém” que segue abaixo:

O João ninguém era um pequeno agricultor que foi beneficiado pelo banco pensando em melhorar a situação, mas só piorou porque sua dívida multiplicou e o que ele possuía desvalorizou e o pior de tudo era uma letra vencida no banco que ele não vinha condições de pagar.

Em certo dia, ele perdeu o sono que não podia dormir e a família toda dormindo e ele acordado. Quando o galo cantou para ele e o galo dizia assim: Já venceu a letra! Aí foi que ele não dorme mais, quando levantou foi tirar o leite, as vaquinhas estavam remoendo, aí o chocalho dizia: Eu sou do banco! Sou do banco. Aí nisso vinha o Peru, chegou na frente dele, parou e fechou a cara e arrastando as asas no chão disse: Pague logo, logo, logo. Aí ele passou o chute no Peru e disse: Você não é besta fio da peste, aí nisso vinha um pato, saiu caminhando na frente dele e fazendo: Qua qua qua qua qua. Ele chutou o pato e a guinezinha começou de lá da maiada: Protesto, protesto, protesto!

Nisso veio um bem-te-vi, sentou na porteira do curral, olhou para o gado, olhou para João e começou a cantar: Já pagou, já pagou. Aí a juriti começou a cantar: Só quero ver o rombo!(BARROS, 2000).

Como podemos perceber, além de fazer poemas, Manoel de Maninho conta causos como este de cunho social, sempre voltados para a realidade do momento. Em 1971, o acontecimento político da época foi a conquista do FUNRURAL - Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural Em 1971, foi promulgada a lei do **Funrural**. Esta instituiu aposentadorias e pensões para os trabalhadores rurais. Com este acontecimento Manoel escreve a poesia do FUNRURAL. Segue a seguir um trecho desta primeira composição do poeta:

“Eu agora me lembrei
Agora eu vou contar
Para os velhos de 65
A coisa vai melhorar!
Antigamente quando o velho tinha 65
Ele desejava ser novo e ainda ter somente cinco
“Mais hoje em dia já tá tudo diferente...”.

A partir das idéias apresentadas, percebe-se que a pesquisa e seus horizontes, levam a uma chave de idéias fundamentadas a partir de pressupostos reais na linha de construção de cidadania a partir de valores culturais, sociais, desenvolvidos na transmissão oral de um poeta que fundamenta suas raízes nos problemas, do sertão de Sergipe e que afirma isto através de suas criações.

Neste sentido, é possível perceber que a história e a memória de um indivíduo partem de sua realidade e de sua experiência, voltada para a educação construída em meio as lutas e dilemas de uma comunidade. Assim, o poeta se educa e educa a comunidade ao seu redor por meio de idéias, posições e decisões. A rima envolve e seduz a comunidade valorizando as associações e levando a população a se organizar e a reivindicar seus direitos através da produção, do sentido de pertença e da idéia de coletividade. Sua produção é criativa e dinâmica e desperta o interesse dos que a conhecem em assumir com responsabilidade a exigibilidade daquilo que busca.

Percebe-se que através dessa proposta feita pela poesia que muitas associações podem valorizar a cultura local, afirmando suas raízes firmando novos conceitos no que se constituem as políticas afirmativas de sustentabilidade e desenvolvimento no campo. Sendo assim, a miséria que antes era vista como um grande desafio e fator de morte na vida do sertanejo, hoje são vista pelos mesmos com um olhar diferenciado numa perspectiva de esperança e possibilidade de mudança da qualidade de vida.

As histórias contadas por Manoel trazem para a narrativa elementos da sua realidade local misturado de características da sua região. A simplicidade que caminha este poeta é bem expressa na sua poesia e produção, por isso o que chama a atenção é a carga oral que ele passa para quem ouve, marcada por uma resistência presente em seu semblante.

A pesquisa aponta novos caminhos para futuros estudos, valorizando e ampliando todo o potencial de um povo, mostrando a importância de aprofundar elementos no sentido de resgatar um referencial histórico, centrado na vida e na história de quem faz da realidade dura, um potencial de resistência e dinamismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Porto Alegre: Artemed, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HAVELOCK, Eric. **A equação oralidade** – escritura. São Paulo, Ática, 1995.

LEITE, José Corrêa. Metamorfoses na militância. In: **Revista Teoria e Debate**. Nº 32 – Jul/Ago/Set . 1996. p 1-6

Disponível em : <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2235>
Coletado em 27/11/2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

<http://www.informeporto.com.br/curiosidades.html>

ENTREVISTAS:

BARROS, José de. Agricultor. 45 anos. Povoado Pitombeira - Porto da Folha Sergipe. Entrevista em 25/10/2008.

LIMA, Elza. Agricultora. 48 anos. Povoado Linda Franca – Porto da Folha / SERGIPE. Entrevista em 25/10/2008.

NETO, Manoel de Barros Lima. 57 anos. Agricultor. Povoado Pitombeira. Porto da Folha / SERGIPE. Entrevista em 25/10/2008.

OLIVEIRA, Everaldo José de. 41 anos. Presidente da Associação dos Produtores Rurais do Povoado de Linda França-Porto da Folha Sergipe. Entrevista em 25/10/2008.

PEREIRA, Osvaldo, 55 anos. Agricultor. Povoado Linda Flor-Porto da Folha Sergipe. Entrevista em 25/10/2008.